

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014



O setor naval e a aproximação entre Londres e Bruxelas em uma Europa insegura

ESTE E OUTROS 12 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 158 • 23 de março de 2022

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Fragata Tipo 45 da Marinha Britânica](#)

Por: Defence Imagery

Fonte: Flickr

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/
RJ - Brasil
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante João Alberto de Araujo Lampert

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR EXECUTIVO

Capitão-Tenente Bruno de Seixas Carvalho (University of Birmingham)

EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Francisco E. Alves de Almeida (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

TRADUÇÃO E REVISÃO

Rodrigo Oliveira Dutra Marcílio (UFRJ)



ÁFRICA SUBSAARIANA

Carolina Vasconcelos De Oliveira Silva (PUC-Rio)
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
Luísa Barbosa Azevedo (UFRJ)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)
Vivian de Mattos Marciano (EGN)

AMÉRICA DO SUL

Bruna Soares Corrêa de Souza (UniLaSalle)
Carlos Henrique Ferreira da Silva Júnior (EGN)
Izan Reis de Araujo (USP)
José Martins Rodrigues Junior (UFRJ)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Matheus Souza Galves Mendes (EGN)
Otávio Brasileiro Pires de Camargo (UNESP)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Ana Carolina Vaz Farias (UFRJ)
Jéssica Pires Barbosa Barreto (EGN)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)
Pedro Allemand Mancebo Silva (PUC-Rio)
Raphaella da Silva Dias Costa (UFRJ)

EUROPA

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)
Thaïs Abygaëlle Dedeo (Université Paris 3)
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)
João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (IBMEC)
Luís Filipe de Souza Porto (UFRJ)
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)
Philipe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFRJ)
Thomas Dias Placido (UFSC)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Adel Bakkour (UFRJ)
Amanda Neves Leal Marini (ECEME)
Dominique Marques de Souza (UFRJ)
Isadora Novaes dos Santos Bohrer (UFRJ)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

RÚSSIA & EX-URSS

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Vitor Ferreira Lengruber (UCP)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

SUL DA ÁSIA

Eduardo Araújo Mangueira (UFRJ)
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)
Iasmin Gabriele Nascimento dos Santos (UFRJ)
Lucas Mitidieri (UFRJ)
Marina Soares Corrêa (UFRJ)
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

Alessandra Dantas Brito (EGN)
Bruno Gonçalves (UFRJ)
Guilherme Novaes Silva Pinto (UFRJ)
Maria Claudia Menezes Leal Nunes (USP)
Raquel Torrencilha Spiri (UNESP)



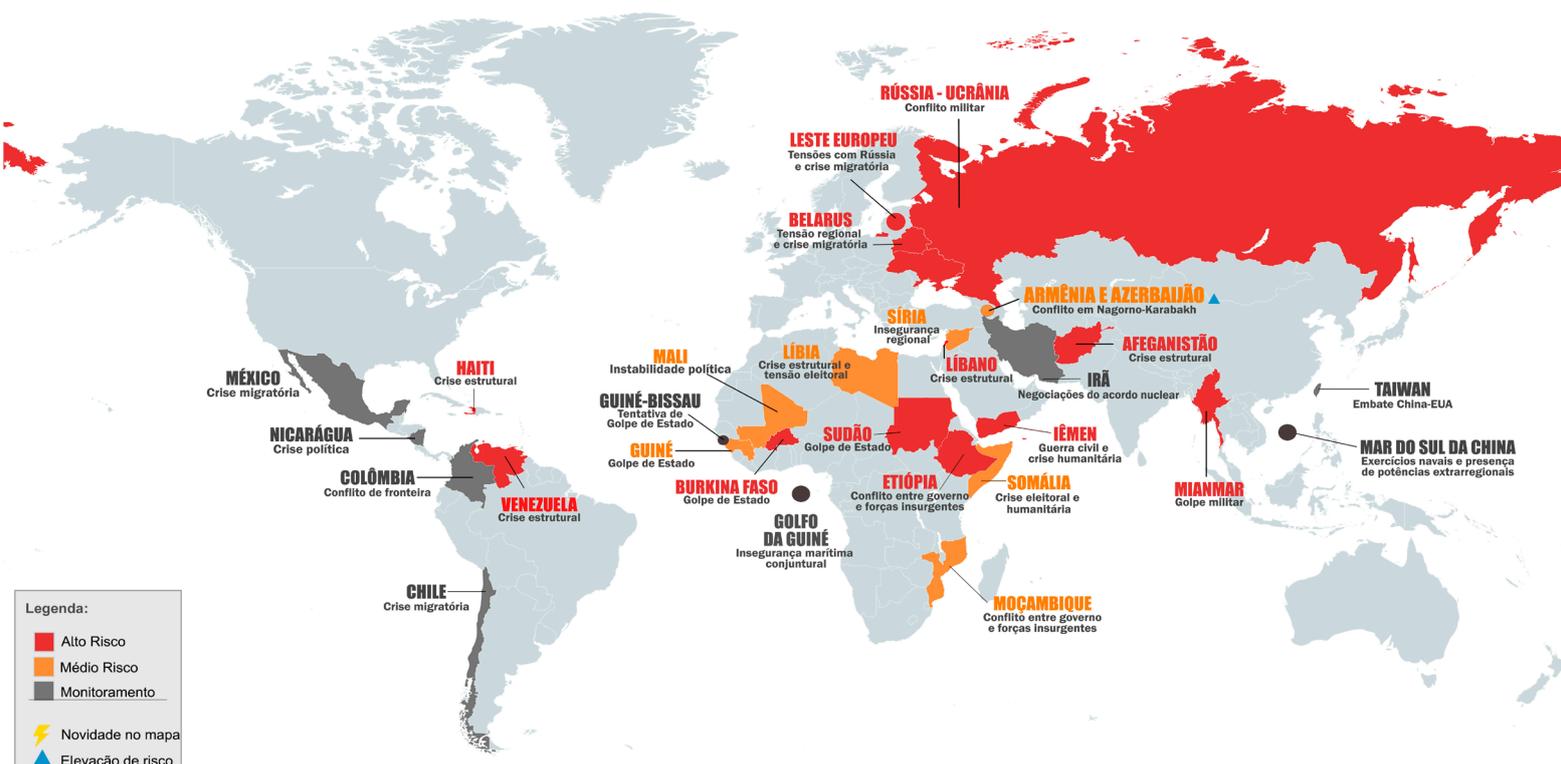
ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL		LESTE ASIÁTICO	
As negociações EUA-Venezuela: requisitos e anseios.....	6	Novo submarino japonês: vantagem estratégica e restauração do <i>status quo</i> no Pacífico	13
Narcossubarinos e a segurança interna da Colômbia.....	6		
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		SUL DA ÁSIA	
A distância entre a elaboração e a implementação das políticas de modernização canadenses	7	A dinâmica geoestratégica da Iniciativa do Cinturão e Rota no Oceano Índico ..	14
ÁFRICA SUBSAARIANA		Bangladesh frente ao conflito entre Rússia e Ucrânia	15
Sai França, entra Rússia: o grupo <i>Wagner</i> chega ao Mali	8	ÁRTICO & ANTÁRTICA	
EUROPA		Exercício <i>Noble Defender</i> : o reforço da soberania canadense no Ártico	16
O setor naval e a aproximação entre Londres e Bruxelas em uma Europa insegura.....	9	TEMAS ESPECIAIS	
O desafio europeu à crise energética e distribuição de gás.....	10	Desdobramentos marítimos do conflito na Ucrânia.....	17
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA		Artigos Selecionados & Notícias de Defesa.....	
Força Tarefa 151 e EUNAVFOR Atalanta: missões distintas unidas na luta contra a pirataria.....	11	Calendário Geocorrente.....	18
RÚSSIA & Ex-URSS		Referências.....	19
Defesa e segurança de cabos submarinos frente às ações russas	12	Mapa de Riscos.....	20

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

Por: Isadora Novaes e Vitória França



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 20.

As negociações EUA-Venezuela: requisitos e anseios

Otávio Brasileiro P. Camargo

Diante das sanções econômicas aplicadas à Rússia em virtude do conflito na Ucrânia, os índices de exportações de gás e petróleo russos caíram em dois de seus principais mercados importadores: os Estados Unidos (EUA) e a União Europeia (UE). O desabastecimento desses combustíveis fósseis no mercado internacional, elevando os preços dos barris, pressionaram Washington a procurar alternativas que substituam a produção russa, resultando no envio de representantes à Venezuela para negociar com o governo Maduro o retorno do comércio bilateral de petróleo. Quais são os termos de uma eventual aproximação entre os governos de Nicolás Maduro e de Joe Biden?

O interesse de suspender as sanções sobre o petróleo venezuelano partiu dos investidores estadunidenses, que, liderados pela *Chevron*, solicitaram ao governo dos EUA negociações com Maduro. Com um eventual levantamento das sanções, as petrolíferas demandaram licenças para expandir seus empreendimentos com a estatal venezuelana *PDVSA*, para compensar a ausência de petróleo russo, substituindo-o pelo sul-americano. Entretanto, os estadunidenses tratam a situação com cautela, tendo em vista o rompimento das relações diplomáticas, em 2019, devido às acusações de violações de Direitos Humanos e a proximidade de Maduro ao governo russo.

Quanto à Venezuela, apesar de ser aliada da Rússia,

o país espera retomar o comércio com Washington e recuperar a posição de terceiro maior exportador de petróleo com destino aos EUA, posição ocupada pelos russos após as sanções de 2019. Dentre os interesses venezuelanos para negociar com os EUA estão: a possibilidade de fortalecimento econômico, ao passo que a *PDVSA* está preparada para produzir até três milhões de barris por dia para compensar o desabastecimento no mercado; o levantamento total das sanções sobre as exportações de petróleo e sob seus políticos; e o reconhecimento do atual governo como legítimo, com a retirada do apoio estadunidense à oposição formada por Juan Guaidó. Os venezuelanos também estão negociando com a UE.

Entretanto, as tratativas esbarram em divergências ao abordarem interesses opostos. Como condição para a suspensão das sanções, Biden solicitou que Maduro promova mudanças institucionais que fortaleçam a democracia e a defesa dos Direitos Humanos na Venezuela, tal qual a libertação de presos políticos, como os seis executivos da *Citgo* (subsidiária da *PDVSA* nos EUA). Dispostos a negociar, os venezuelanos libertaram dois dos prisioneiros, além de constituírem um novo conselho eleitoral, incluindo dois membros da oposição, apontando abertura para outras solicitações, desde que os EUA cumpram com sua parte, suspendendo as sanções.

DOI 10.21544/2446-7014.n158.p06.

Narcossubarinos e a segurança interna da Colômbia

Bruna Soares e Victor Cabral

A Colômbia lidera há décadas o *ranking* mundial de produção e exportação de cocaína, segundo a *United Nations Office on Drugs and Crimes*. Narcotraficantes têm investido na sofisticação logística, com os chamados “narcossubarinos” ou semissubmersíveis, que navegam ocultos sob a superfície do mar, tornando-se de difícil detecção ([Boletins 94](#), [103](#), [108](#)). Sua principal rota segue pela costa do Pacífico rumo à América Central e depois por terra rumo ao seu principal mercado consumidor: os Estados Unidos. Como o emprego dessas embarcações afetam a crise política colombiana?

Em fevereiro de 2022, a Marinha colombiana interceptou, na costa de Nariño, um semissubmersível movido a diesel com 15 metros de comprimento transportando quatro toneladas de cocaína. Essa foi a maior apreensão de drogas no mar dos últimos dois anos, evitando o aporte de US\$ 150 milhões ao grupo *Bloque Occidental Alfonso Cano*, dissidente das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC). O

aperfeiçoamento tecnológico permite a expansão do alcance dos narcóticos para além da América Central, como evidenciado pela interceptação de um semissubmersível colombiano carregado com três toneladas de cocaína na costa da Espanha, em 2019, alertando as forças de segurança europeias.

A Marinha da Colômbia vem especializando-se no combate ao narcotráfico marítimo. O governo investe nas apreensões objetivando diminuir a capacidade de financiamento das ações violentas perpetradas por traficantes, guerrilheiros e paramilitares. A escalada da violência foi potencializada pela proximidade das eleições parlamentares, ocorridas em 13 de março, e presidenciais, que se darão em 29 de maio de 2022.

O presidente Iván Duque encontra desafios no enfrentamento aos grupos guerrilheiros financiados pelo narcotráfico, refletindo em sua impopularidade e dificuldade em eleger um sucessor de centro-direita, dado que não há reeleição presidencial na Colômbia. O »

candidato opositor à presidência e líder nas pesquisas, Gustavo Petro, ex-guerrilheiro da M-19 e senador, defende alternativas à ineficiente guerra às drogas das últimas décadas, incluindo a reformulação do combate às guerrilhas com um acordo de paz com o Exército de Libertação Nacional (ELN), nos moldes do realizado com as FARC.

Após pressão internacional, o ELN concordou com

um cessar-fogo durante as eleições parlamentares. Em que pese esse acordo ser benéfico para arrefecer a onda de violência, a Colômbia parece distante de uma solução definitiva para sua crise securitária estrutural, constantemente abastecida pelo lucro das drogas. Com a expansão do alcance dos semissubmersíveis, torna-se necessário o incremento da cooperação internacional para conter a disseminação das drogas no espaço marítimo.



DOI 10.21544/2446-7014.n158.p06-07.

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

A distância entre a elaboração e a implementação das políticas de modernização canadenses

Jéssica Barreto

Uma das pautas do governo canadense de Justin Trudeau é o investimento em Defesa através de uma política de modernização das Forças Armadas do país. A mais recente dessas medidas foi a publicação do relatório de análise dos investimentos planejados na Política Nacional de Defesa *Strong, Secure and Engaged* (SSE), em março de 2022. Lançada em 2017, a política apresentou um plano de ação de modernização, mas, no período 2017-2021, o Departamento Nacional de Defesa (DND) gastou US\$ 8 bilhões a menos com os projetos de capital do que o estimado no documento. Sendo assim, é possível que exista um contrassenso entre as políticas de modernização do país em relação às políticas implementadas pelo atual governo?

Durante campanha, Trudeau focou nas necessidades de investimento em infraestrutura e reequilíbrio das contas do país. A pauta da Defesa ganhava apenas nas críticas ao envolvimento do país na Guerra contra o Terror estadunidense e o alto custo da compra dos *F-35 Lightning II* ([Boletim 24](#)). Todavia, a SSE é permeada

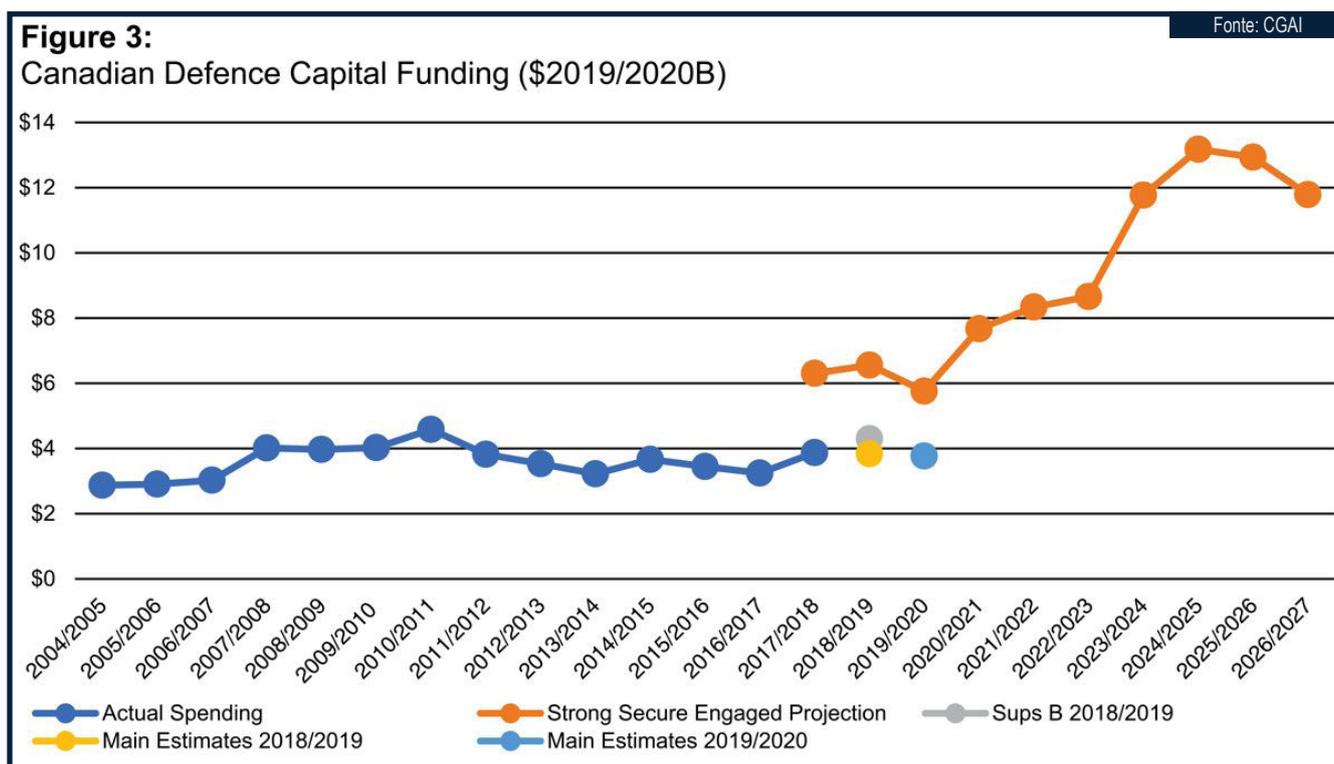
por um tom de urgência quanto à necessidade de investimentos nas Forças Armadas, com ênfase na relação entre a modernização militar e os benefícios sociais e industriais, além de construir um plano de investimentos para os próximos 20 anos.

A análise liberada pela Secretaria de Orçamento do Parlamento canadense dá destaque ao “sub-gasto” do DND, justificado principalmente por falhas no Sistema de Aquisição de Defesa (SAD) do país. Sendo caracterizado como multidepartamental, o SAD canadense apresenta peculiaridades como os processos longos e burocráticos e a exigência de 100% do valor do contrato em investimentos industriais no país. Outros fatores com impacto nesses gastos são: a crise financeira, a politização das aquisições e a pandemia da COVID-19.

Todos esses atrasos mudaram o perfil de gastos estimado na SSE, empurrando os maiores valores para os últimos anos do planejamento. Além do risco de cancelamento de projetos pouco desenvolvidos, esse atraso nos gastos também pode impactar a capacidade de »

gestão de compras do governo e a capacidade de resposta da indústria quanto às necessidades de Defesa canadense. Além dos riscos da inflação e da diminuição do poder de compra do país, o “sub-gasto” pode gerar mais atrasos e

a compra de tecnologias que já chegariam obsoletas nas Forças Armadas canadenses, evidenciando a distância entre as políticas propostas pelo governo com aquelas que são devidamente postas em prática.



DOI 10.21544/2446-7014.n158.p07-08.

ÁFRICA SUBSAARIANA

Sai França, entra Rússia: o grupo *Wagner* chega ao Mali

Franco Alencastro

Após nove anos de intervenção no Mali, as últimas tropas francesas devem deixar o país africano nos próximos seis meses. O anúncio, feito pelo Presidente Emmanuel Macron, é parte de sua estratégia abrangente para o continente africano, que passa por uma reavaliação do envolvimento militar francês na África. A iniciativa, entretanto, arrisca abrir caminho para a participação de outro ator: a Rússia. Um acordo fechado em Moscou em dezembro de 2021 resultou no envio para o Mali de um contingente de 800 homens do grupo *Wagner*, grupo paramilitar conhecido por sua atuação em conflitos na África e no Oriente Médio e suas inclinações políticas com Moscou.

Diferentes aspectos econômicos e políticos fundamentam a aproximação Mali-Rússia. Do lado maliano, a saída francesa já era antecipada em meio a sucessivas reduções do contingente militar estrangeiro e críticas do governo francês ao governo do Coronel Assimi Goita, que assumiu o poder no país africano por meio de um golpe de Estado em maio de 2021 e, desde então, postergou as eleições inicialmente programadas

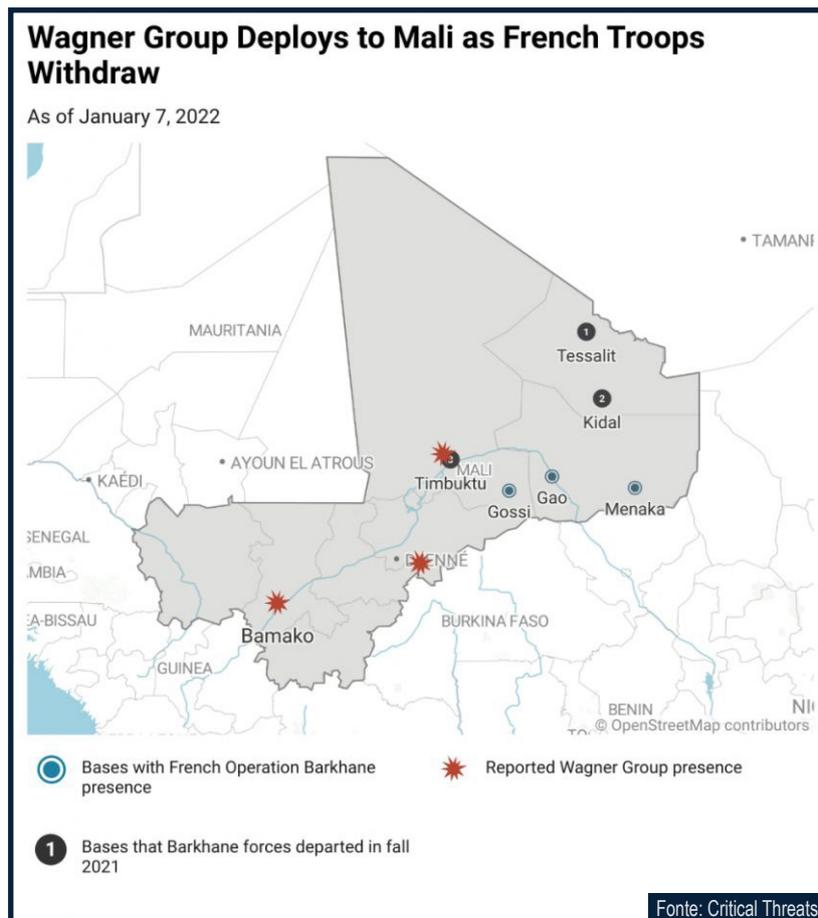
para 2022, até o ano de 2026.

Do lado russo, a atuação do grupo *Wagner* consolida um leque de países sob influência política russa, útil em um momento em que o Kremlin enfrenta o isolamento internacional por conta do conflito na Ucrânia. O acordo militar pode ainda encontrar uma contrapartida com concessões à Rússia no setor de mineração, no qual o país tem ampliado seus investimentos voltados para a África nos últimos anos, com a mineração de níquel, manganês e diamantes em países como Burkina Faso, Tanzânia e Zimbábue. Esta contrapartida, entretanto, ainda não foi confirmada.

Um elemento pode dificultar a iniciativa russa: o próprio grupo *Wagner*. De fato, se em alguns contextos, como na Síria, o grupo se destacou em combate, em atuações mais recentes, como em Moçambique, os combatentes russos tiveram um desempenho bem abaixo do esperado, tendo sua atuação suspensa após poucos meses com elevados números de baixas e fogo amigo. Um resultado parecido pode pôr um fim prematuro aos planos da Rússia no Mali. Do lado francês, o desenlace »

mostra os riscos da política do governo Macron, que traz uma ênfase maior no respeito à democracia e nos direitos humanos do que o pragmatismo que dominou as

relações bilaterais com os Estados africanos desde seus respectivos processos de independência.



DOI 10.21544/2446-7014.n158.p08-09.

EUROPA

O setor naval e a aproximação entre Londres e Bruxelas em uma Europa insegura

Guilherme Carvalho

O governo britânico publicou a nova “Estratégia Nacional de Construção Naval”. O plano atual representa mais de US\$ 4,43 bilhões em investimentos no setor de construção naval em todo o Reino Unido, com novas medidas, incluindo: melhor acesso a financiamento, incentivos para pesquisa e desenvolvimento, além de infraestrutura mais verdes. Sendo um dos fatores mandatórios no documento a capacidade de exportação dos meios navais, no atual contexto de crise na Europa, poderia o investimento no setor de defesa naval britânico ser uma condição de aproximação com a União Europeia (UE)?

Lar de alguns dos maiores complexos industriais de defesa e construção naval do continente, Londres vem dando sinais claros de que cada vez mais contribuirá para a segurança do continente europeu, e que contará com a União Europeia enquanto aliada nesse movimento. No final deste mês de março, por exemplo, a *Royal Navy* está

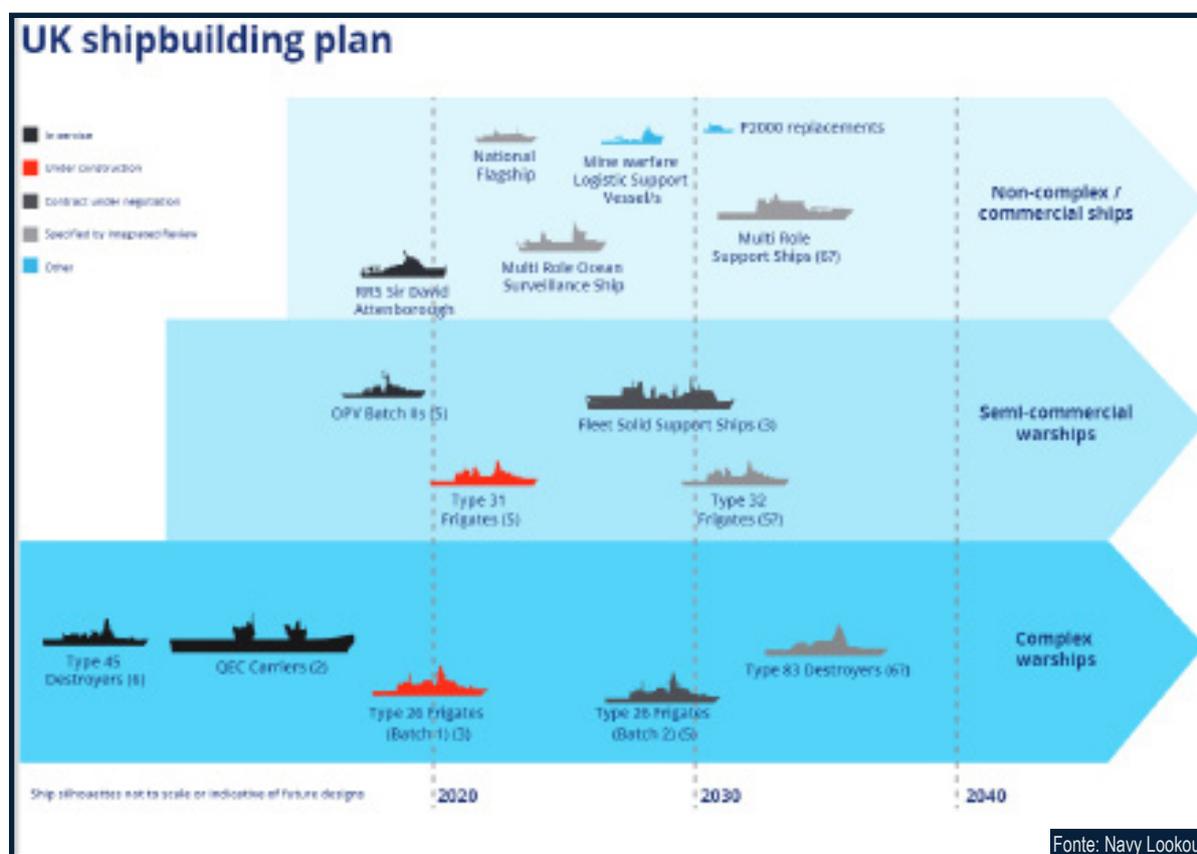
conduzindo, sob a bandeira da OTAN, o maior exercício militar nas águas da Noruega dos últimos 30 anos, reunindo mais de 30 mil militares de 11 nações aliadas da organização. Esse papel de influência vem sendo fortemente reestabelecido por Londres que, além de buscar estabelecer-se como potência naval no continente, visa também fortalecer as exportações de sua indústria naval aos seus parceiros comerciais de Bruxelas. Isso é estimulado pelo documento da nova estratégia de construção naval, que estabelece como mandatória a acessibilidade de tecnologias e multiplicidade de funções, como guerra antissubmarina e patrulha naval.

Por sua vez, ações por parte do bloco, como a participação do Reino Unido numa sessão de emergência sobre segurança no Parlamento Europeu indicam também o interesse da UE nessa reaproximação. Em que pese as disputas diplomáticas com a França, iniciativas como a AUKUS – o projeto trinacional de construção de

submarinos de propulsão nuclear na Austrália – parecem ter gerado uma boa vontade por parte de Bruxelas, pois uma melhor relação com Londres nessas circunstâncias poderia significar também uma reaproximação em defesa com Washington – tema bastante negligenciado durante a gestão de Donald Trump.

Dessa maneira, é possível observar que o recente

cenário de insegurança tem sido forte responsável pela reaproximação entre Londres e Bruxelas. Ao destinar grandes investimentos ao setor de defesa naval, o Reino Unido atua de maneira expressiva na consolidação da influência de sua indústria de defesa e de suas Forças Armadas no concerto europeu de segurança, que se encontra sob forte teste.



DOI 10.21544/2446-7014.n158.p09-10.

O desafio europeu à crise energética e distribuição de gás

Rafaela Caporazzo e Vitória França

A dependência europeia do gás natural russo foi novamente posta em xeque no último mês. A infraestrutura existente na região desempenha um papel importante: gasodutos, oleodutos e refinarias fazem com que a Rússia responda por cerca de 40% da demanda de gás natural da União Europeia (UE) e 20-25% da de petróleo. Buscando reduzir a dependência da energia russa, a Europa procura novas formas de acelerar seu plano de diversificação e independência de fontes de gás até 2030. Isso posto, teria a Europa, e em especial a UE, possibilidade de ampliar seu abastecimento de gás por outros meios no curto prazo?

A meta europeia de independência do gás russo reforça possíveis ganhos de mercado a alguns países africanos, principalmente Nigéria e Argélia. Esse último é o 10º maior produtor de gás mundial e um dos cinco maiores exportadores de gás natural liquefeito (GNL) para a Europa. O país representa uma opção estratégica para a UE, já que, atualmente, a Argélia já fornece cerca

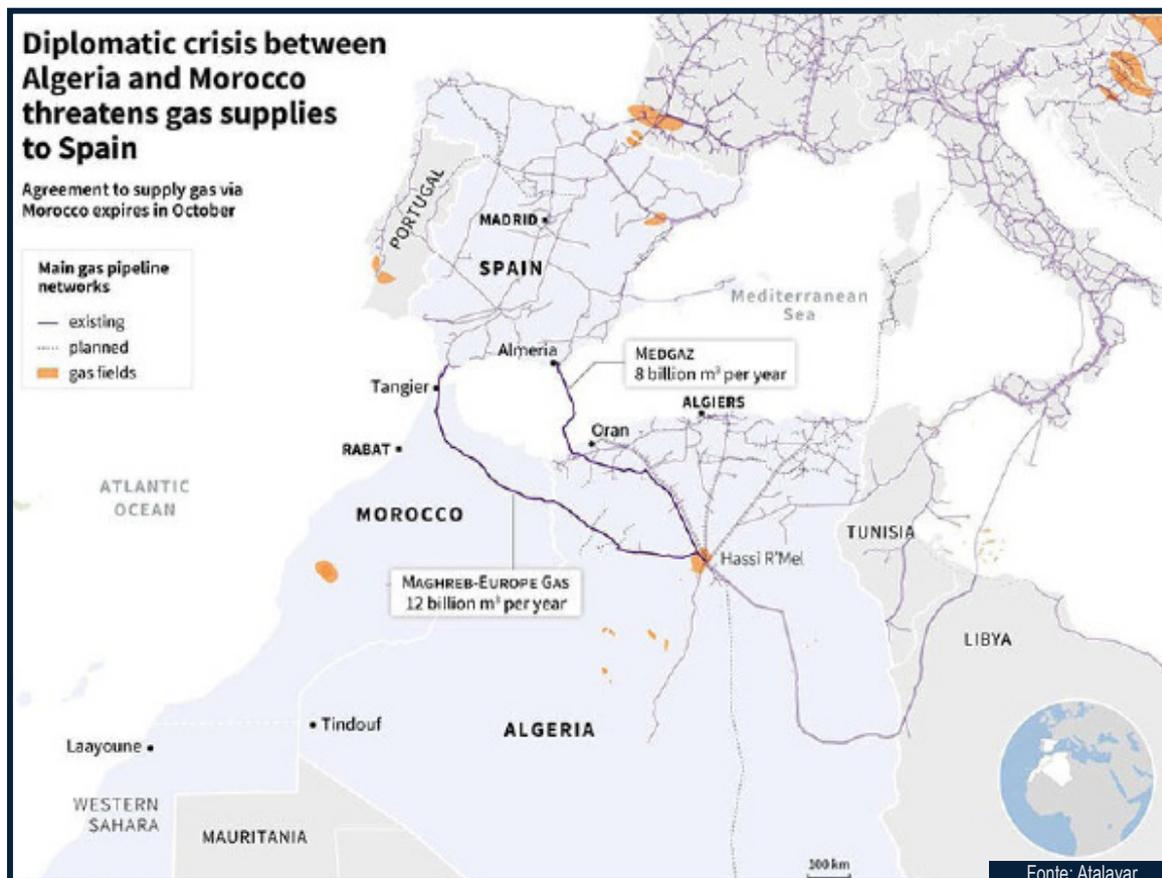
de 11% do gás europeu. Sequencialmente, a Espanha se apresenta como uma alternativa atrativa para a distribuição. A capacidade espanhola em administrar o abastecimento de gás por uma variedade de fontes, principalmente pelos dois gasodutos que conectam a Europa ao Norte de África, reforça seu potencial para alcançar o papel de novo centro de importação.

Entretanto, há constrangimentos que devem ser levados em consideração. Apesar do escoamento de gás ser benéfico à região, a Argélia carece de infraestrutura e financiamento que lhe permita ampliar a capacidade de fornecimento. Além disso, a estabilidade dessa fonte é incerta; vale lembrar que, em novembro de 2021, houve a interrupção do fornecimento de gás por meio do Gasoduto Magrebe-Europa para a Espanha, causado principalmente pela crise com o Marrocos, o que dificultou o auxílio a curto prazo na crise energética enfrentada pelo continente. Na ponta final, a dos mercados consumidores, ainda existe uma defasagem no fornecimento espanhol ao »

atravessar o sudoeste europeu, sendo necessárias novas e maiores ligações com o bloco.

Assim, dado o panorama atual do plano da UE de redução do abastecimento de gás russo, as consequências da interrupção do fornecimento são alarmantes. Apesar

dos interesses de países como Argélia e Espanha na ampliação do escoamento de gás para o bloco, tais iniciativas são de longo prazo e não suprem a necessidade imediata na Europa.



DOI 10.21544/2446-7014.n158.p10-11.

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Força Tarefa 151 e EUNAVFOR Atalanta: missões distintas unidas na luta contra a pirataria

Melissa Rossi

O combate à pirataria e às atividades ilícitas no Oceano Índico Ocidental, Golfo de Áden e Sul do Mar Vermelho ocorre pela ação de missões navais com origens distintas, mas objetivos comuns: permitir a navegação comercial segura em algumas das rotas marítimas mais importantes do mundo. A primeira missão naval da União Europeia, a EUNAVFOR Atalanta, atua na região desde 2008. Já a Força Tarefa Combinada 151 (CTF 151, em inglês), aprovada em 2009, faz parte das Forças Marítimas Combinadas, uma coalizão internacional com base no Bahrein. De fato, parece haver uma sobreposição das responsabilidades e áreas de atuação das duas missões. Isso as torna de alguma forma redundantes?

Além do combate à pirataria, a missão Atalanta visa combater o tráfico de entorpecentes, de carvão e de seres humanos; monitorar o embargo de armas e a pesca ilegal, e escoltar navios do Programa Mundial de

Alimentos – que ajuda pessoas deslocadas por conflitos na região. É importante lembrar que, até março de 2022, a EUNAVFOR Atalanta também atuava nas águas territoriais da Somália, contudo o Conselho de Segurança das Nações Unidas decidiu não estender a resolução 2608 (2021) que permitia essa ação, devido a divergências políticas no país africano.

Já a CTF 151 possui objetivos mais restritos: o combate à pirataria e às missões de busca e resgate, sendo vetada a permissão de entrar nas águas territoriais da Somália. Na prática, há uma colaboração efetiva entre as duas missões, que coordenam suas abordagens para evitar a atuação de navios e meios aéreos na mesma área. Como consequência, o nível de incidentes colocando em risco navios mercantes são baixos na região compreendida por essas missões. Tal aspecto contribui na diminuição no valor do frete, repercutindo no preço final do produto

em outras partes do globo, comprovando o sucesso das missões.

É importante lembrar também que o Brasil liderou com êxito a CTF 151 em 2021 e foi convidado este ano para exercer a mesma função. Além de ganhar experiência em missões multinacionais em geral, o País adquire conhecimento útil para realizar os objetivos de

sua Política de Defesa Nacional, com foco no entorno estratégico e no combate à pirataria no Golfo da Guiné.

Portanto, apesar de terem objetivos parecidos e atuarem na mesma área, a CTF 151 e a Operação Atalanta não se sobrepõem, cooperando mutuamente no combate à pirataria e ajudando a reforçar a segurança marítima regional.



DOI 10.21544/2446-7014.n158.p11-12.

RÚSSIA & EX-URSS

Defesa e segurança de cabos submarinos frente às ações russas

Luiza Guitarrari

Os cabos submarinos são um importante mecanismo no controle e fluxo de informações. Atualmente, a extensa rede de 1,3 milhões de quilômetros, num conglomerado de 437 cabos, é responsável por transportar 95% da comunicação mundial, representando US\$ 10 trilhões em transferências no SWIFT, sistema de transações interbancárias internacional. Nesse panorama, alguns países detêm uma posição importante enquanto pontos de conexão e colaboradores da cooperação regional. Contudo, a crescente insegurança motivada pela Rússia ao promover atividades submarinas próximas aos cabos funciona como potencial desestabilizador de rede e como influência sobre as infraestruturas. Desse modo, como Moscou pode ameaçar não somente a Ucrânia, mas a rede de conexões europeias?

Desde sua implementação em 1850, os cabos submarinos demonstraram-se vulneráveis a ameaças físicas e digitais, sendo alvos estratégicos em períodos de guerra. No entanto, desde que se tornaram domínio público em 2015, as infraestruturas têm se tornado mais

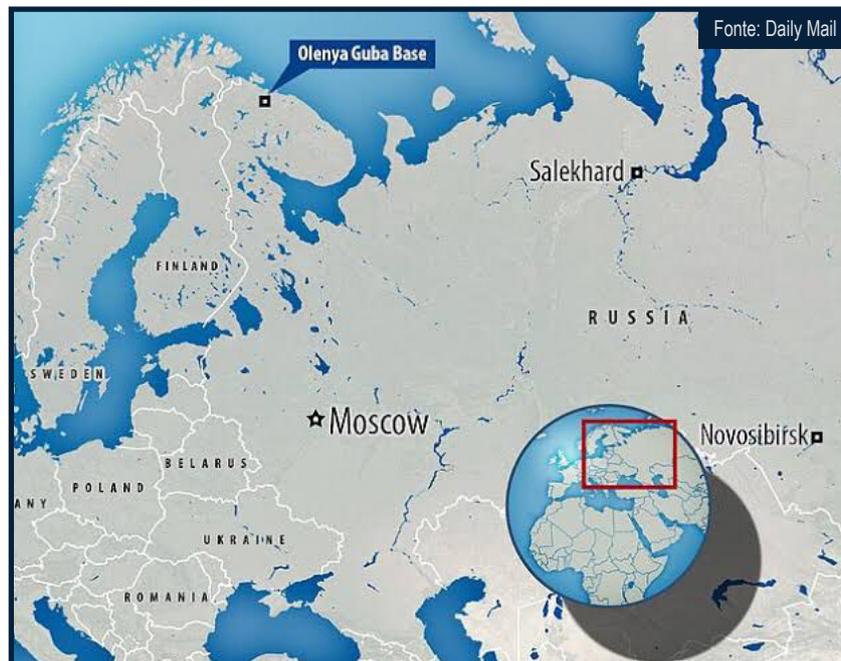
vulneráveis. Explorando tal vulnerabilidade, destacam-se as ações perpetradas pela Rússia e sua Diretoria de Pesquisa do Mar Profundo (GUGI, acrônimo em russo). Creditada na Baía de Olesya, na Península de Kola, a GUGI detém a maior esquadra de navios de águas profundas do mundo, os quais podem submergir a profundidades entre 3.000 e 6.000 metros. Para tanto, são utilizados submarinos e embarcações de superfície, como o navio de pesquisa oceanográfico *Yantar*, capaz de comissionar submersíveis autônomos, que se deslocam nos mares da Noruega, do Norte e no Oceano Atlântico.

Diante do atual conflito na Ucrânia, o receio por parte do Ocidente é que a Rússia torne a pressionar o sistema de cabos submarinos, como em 2014. Na época, a estatal russa, *Rostelecom*, instalou o *Kerch Strait Cable*, habilitado a controlar o tráfego da internet para a Crimeia. Destarte, a ameaça também se estende a países europeus, dentre eles a França, que nos últimos dias foi alertada pelo Ministério de Relações Exteriores sobre a possibilidade da ação russa contra cabos submarinos. >>>

Conectada por 51 cabos à rede de telecomunicações e sob alta dependência de servidores estrangeiros, um possível corte nas infraestruturas francesas seria calamitoso à rede europeia.

Nesse contexto, a Rússia pode tomar por alvo diversos cabos que ligam a Europa à internet global que,

por extensão, transportam tráfego originário da Ucrânia. Portanto, a ameaça de um "apagão" na Europa devido às ações russas seria prejudicial não apenas ao âmbito civil, mas principalmente militar e operacional, que dependem em larga escala das redes de comunicações.



DOI 10.21544/2446-7014.n158.p12-13.

LESTE ASIÁTICO

Novo submarino japonês: vantagem estratégica e restauração do *status quo* no Pacífico

Recentemente, após um extenso período de estagnação da indústria naval, o Japão tem revitalizado sua esquadra e recebe seu mais novo submarino da classe *Taigei* que, além de poder conferir a Tóquio a tão debatida capacidade de ataque às bases inimigas, possui a tecnologia de bateria de íons de lítio. Esse equipamento permite que o submarino funcione por longos períodos com uma única carga. Entretanto, desde a Segunda Guerra Mundial, o Japão estabelece a paz e a estabilidade regional como prioridades para sua política de segurança nacional. A partir disso, quais fatores impulsionam o país a continuar desenvolvendo aparatos navais mais modernos?

Traduzido como “A Grande Baleia”, o novo submarino japonês construído pela *Mitsubishi Heavy Industries* pode ser interpretado como uma guinada no crescimento dessa indústria. O grupo *Mitsubishi* desempenhou um papel fundamental na rápida ascensão japonesa após a Segunda Guerra Mundial. Entretanto, nas últimas décadas, a indústria de defesa do país estagnou e as empresas do setor perderam competitividade – principalmente para as estadunidenses e as sul-coreanas que se adaptaram melhor aos novos tempos e construíram Impérios Digitais. A potencial retomada do protagonismo

da *Mitsubishi Heavy Industries* ao mercado internacional e a promoção de seus mais inovadores lançamentos são extremamente importantes para a indústria japonesa como um todo a fim de reduzir a dependência externa, principalmente dos Estados Unidos.

Além disso, a instabilidade presente no Indo-Pacífico é uma preocupação do país e de seus aliados regionais, que no intuito de defenderem seus interesses em um possível conflito, impulsionam suas modernizações militares. A China, ao alcançar seu êxito econômico e armamentista, começa a impor sua hegemonia em seu entorno estratégico. Essas tentativas unilaterais de mudar o *status quo* são interpretadas como uma ameaça para o Japão, que desenvolve suas capacidades dissuasórias e intensifica parcerias militares tradicionais para manter sua influência regional.

Portanto, através da modernização de seus submarinos, o país busca recuperar seu papel como ator relevante no Pacífico. Entretanto, ao adquirir mecanismos dissuasórios sofisticados e participar ativamente de exercícios militares multinacionais, há o risco de outros países interpretarem suas políticas como hostis.

DOI 10.21544/2446-7014.n158.p13.

A dinâmica geoestratégica da Iniciativa do Cinturão e Rota no Oceano Índico

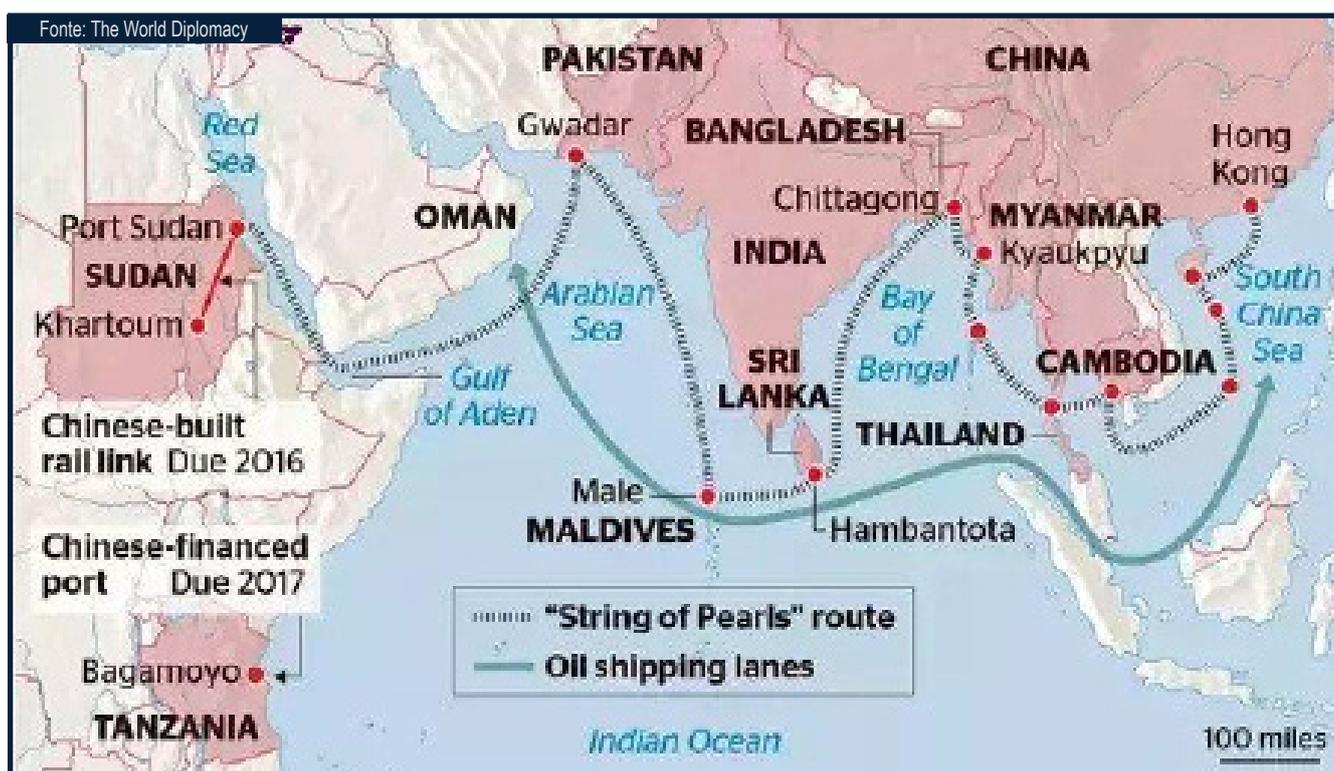
A Iniciativa Cinturão e Rota (BRI, em inglês) é apresentada por autoridades chinesas como puramente centrada na necessidade comercial da China em salvaguardar os fluxos internacionais que garantem sua estabilidade interna, como acesso a recursos naturais e transporte. Contudo, a BRI inevitavelmente enfrenta riscos de defesa e segurança, pois os investimentos em torno da iniciativa envolvem regiões onde a projeção chinesa se choca com interesses de outros países, como Estados insulares da região do Indo-Pacífico. Em março, uma discussão sobre a atualização nas leis militares do país foi realizada durante as “Duas Sessões” e incluiu propostas para a proteção militar da BRI. Diante disso, cabe discutir as dinâmicas geoestratégicas da projeção chinesa no Oceano Índico.

O “Colar de Pérolas” envolve dezoito projetos chineses de construção de portos e ferrovias ao redor do Oceano Índico: dois na Malásia, um em Mianmar, um em Bangladesh (Chittagong); dois no Sri Lanka (Hambantota e Colombo) e um nas Maldivas. Além disso, a China assumiu quatro projetos de construção de portos comerciais no Mar Vermelho, seis na costa leste da África, além da base em Djibuti, passando pelo Quênia e Tanzânia, até Moçambique e Madagascar. Trata-se de regiões que concentram os principais pontos de estrangulamento do comércio marítimo mundial e de relevância quantitativa em matérias de insumos

Filipe Porto e Iasmin Gabriele Nascimento
exportados para a economia chinesa, que atuam no sentido de garantir a estabilidade dessas cadeias de fornecimento.

Para a Índia, os movimentos de Pequim podem ser vistos como ameaças, pois as capacidades militares indianas não conseguem fazer frente à projeção chinesa, quando tornado o equilíbrio de poder regional favorável para o dragão asiático. Um dos pontos de maior destaque no Oceano Índico é o subcontinente indiano: apesar de ser um ambiente de projeção natural da Índia, o país tem dado espaço para Pequim ao negligenciar Estados da região que não possuem economias fortes.

A militarização da BRI, por enquanto, ficou apenas no debate hipotético. Contudo, seus projetos seguem um plano de desenvolvimento que integra parques industriais e setores de apoio, como construção naval e serviços de abastecimento para aumentar a capacidade de portos para lidar com navios chineses. Tal aspecto aprofunda a presença de empresas chinesas nessas regiões e leva muitos a questionarem a possibilidade de uso militar dessas infraestruturas. Ainda, a dificuldade da Índia em executar o plano de modernização de suas Forças Armadas pode limitar os objetivos de se projetar como uma potência regional. Fica claro, portanto, que a BRI interfere significativamente nas dinâmicas geoestratégicas do Índico.



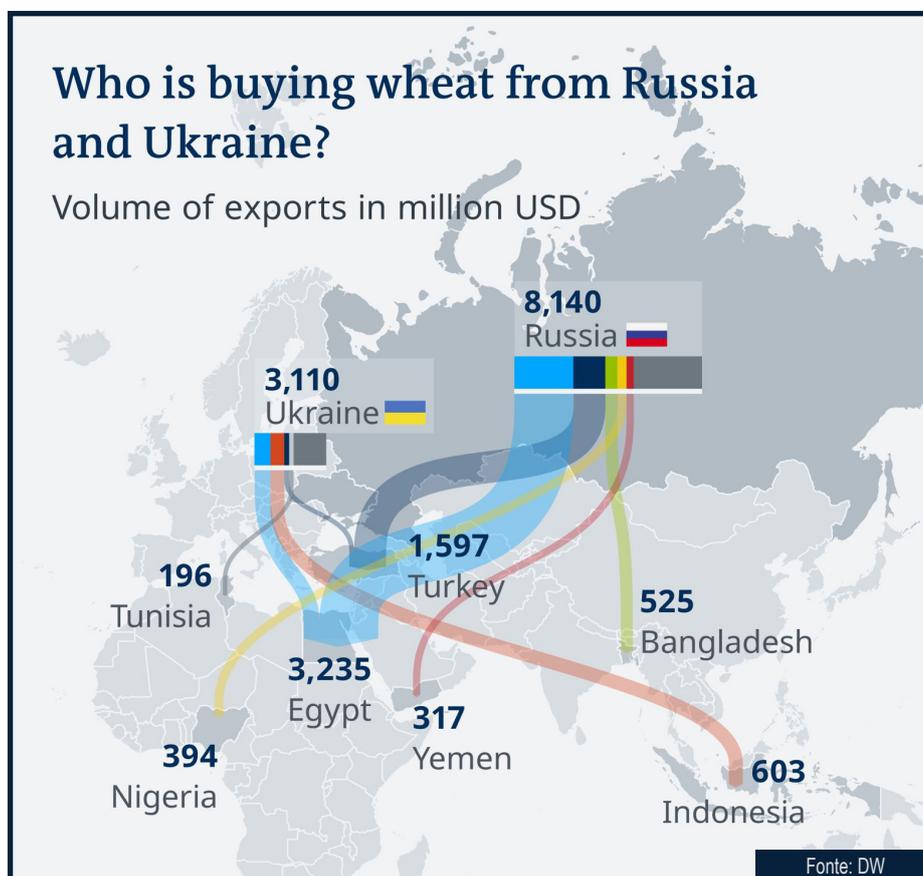
A resposta de Bangladesh ao conflito na Ucrânia foi uma abstenção marcada por incertezas - a Rússia é um dos principais parceiros comerciais de Bangladesh. Além de ser seu maior fornecedor de trigo e fertilizantes, desde 2018, possui uma importância estratégica para o setor energético do país. É nesse sentido que Bangladesh encontra-se numa complicada posição. Historicamente neutro em conflitos desta magnitude, o país precisa decidir sua postura em meio a uma pressão política de diferentes lados. Cabe, portanto, refletir quais seriam os possíveis ganhos e os principais riscos para o país sul asiático.

Em 2018, foi assinado um pacto de cooperação trilateral entre Bangladesh, Índia e Rússia, em que a *Rosatom* (companhia estatal russa) ficou responsável pela construção da usina de energia nuclear em Bangladesh, enquanto a Índia treina os cientistas para o projeto. Desde então, a primeira usina atômica do país vem sendo construída sob previsão de estar operacional até 2024. Contudo, a partir da nova realidade política e das sanções feitas à Rússia, restam dúvidas sobre a viabilidade do projeto.

De acordo com Faruq Mainuddin, presidente do

comitê executivo do *Brac Bank*, um dos principais bancos de Bangladesh, no estágio de desenvolvimento que o país se encontra ele não pode arriscar perder um parceiro comercial do porte da Rússia. No entanto, para que isso ocorra, o ministro de Finanças, Mustafa Kamal, propôs a manutenção das relações comerciais com a Rússia através de um *swap* cambial, troca de sua moeda local por uma terceira moeda que não seja o dólar americano. Este processo, apesar de permitir a manutenção das relações com Moscou, irá ocasionar custos de negociação mais altos, além de trazer riscos para sua relação com os países ocidentais (Estados Unidos e União Europeia).

Em suma, a política de manutenção de boas relações com as principais potências tem custado a Bangladesh uma delicada situação com seus parceiros comerciais. Apesar de todos seus vizinhos (China, Índia, Paquistão e Sri Lanka) também terem mantido neutralidade frente ao conflito na Ucrânia, essa decisão põe uma interrogação para a busca por desenvolvimento do país. Além dos riscos de perdas de investimento e das consequências prejudiciais que as empresas sofrerão pela troca de câmbio, as sanções ainda inevitavelmente prejudicarão a construção da usina nuclear de Rooppur.



Exercício Noble Defender: o reforço da soberania canadense no Ártico

Raphaella Costa

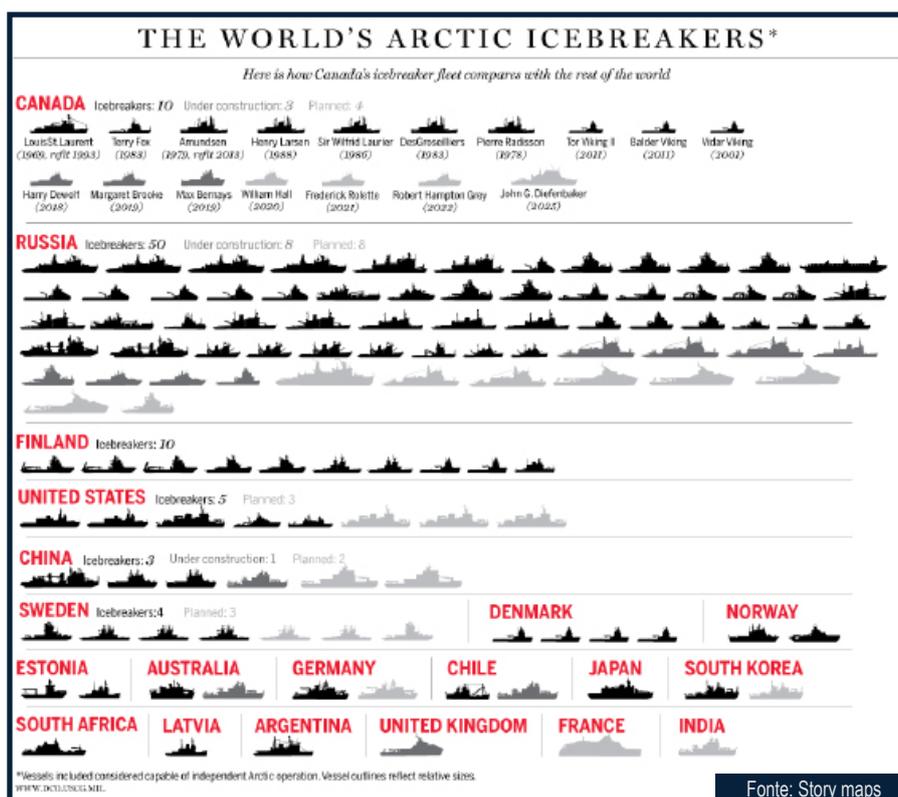
O Comando de Defesa Aeroespacial da América do Norte (NORAD, sigla em inglês) é uma organização binacional do Canadá e dos Estados Unidos (EUA) responsável pela realização de missões aeroespaciais, envolvendo alerta e controle, além da segurança marítima na região. Entre os dias 14 e 17 de março de 2022, o órgão realizou o Exercício de defesa aeroespacial *Noble Defender* no Ártico. Este ocorreu em concomitância ao Exercício *Cold Response 22* (Boletim 154), liderado pela Noruega e com a participação de demais membros da OTAN. Tendo em vista a importância dos treinamentos militares em um ambiente hostil e cada vez mais visado pela pauta de segurança internacional, qual a relevância da participação canadense em exercícios como esse?

O papel do país no Ártico é em grande parte reconhecido devido às discussões sobre a sua soberania na Passagem Noroeste. No entanto, o Canadá ainda é extremamente dependente dos EUA em questões econômicas e militares na região, deixando-o sujeito a tensões do reforço bélico dissuasório de Moscou no Ártico. A Rússia tem reiterado sua presença militar na região por meio do investimento em submarinos nucleares e quebra-gelos movidos à energia nuclear, além do pedido de extensão de seus direitos de exploração de recursos na região, sobrepondo as reivindicações

canadenses de alargamento de sua plataforma continental (Boletim 138).

O país como um dos “gigantes árticos”, sua participação no Exercício *Noble Defender* pode servir para explorar as capacidades dissuasórias e, ao lado dos EUA, reafirmar a soberania canadense frente ao cenário regional. O treinamento contou com cerca de 350 militares, sendo 250 canadenses e 100 estadunidenses, engajados em afirmar a capacidade do NORAD de responder às ameaças de aeronaves e mísseis de cruzeiro em uma eventual escalada de tensões na região. Ainda que os canadenses possuam a segunda maior esquadra de quebra-gelos, ao lado da Finlândia, estas embarcações são antigas se comparadas à esquadra russa, colocando a segurança do país em risco no Extremo Norte frente ao aumento dos investimentos estrangeiros em forças militares.

Assim, se o Canadá deseja afirmar a sua soberania na Passagem Noroeste, o país deve ser capaz de apoiar as suas reivindicações e investir em poder militar. Os Estados estrangeiros têm se posicionado de forma cada vez mais assertiva na região e os canadenses, enquanto uma nação ártica e de forma a afirmar a sua autonomia, devem depender cada vez menos dos EUA.



Desdobramentos marítimos do conflito na Ucrânia

Victor Gaspar Filho

De quais maneiras podemos observar que a crise na Ucrânia impacta o comércio marítimo internacional? Com acesso ao Mar de Azov fechado pela Rússia em 24 de fevereiro, quando a invasão se iniciou, e com a Ucrânia desativando seus portos no dia seguinte, a Organização Marítima Internacional (IMO, em inglês) agendou uma sessão extraordinária para 10 e 11 de março. Seu Conselho tratou dos impactos da invasão russa nas embarcações e tripulações presentes na região em conflito.

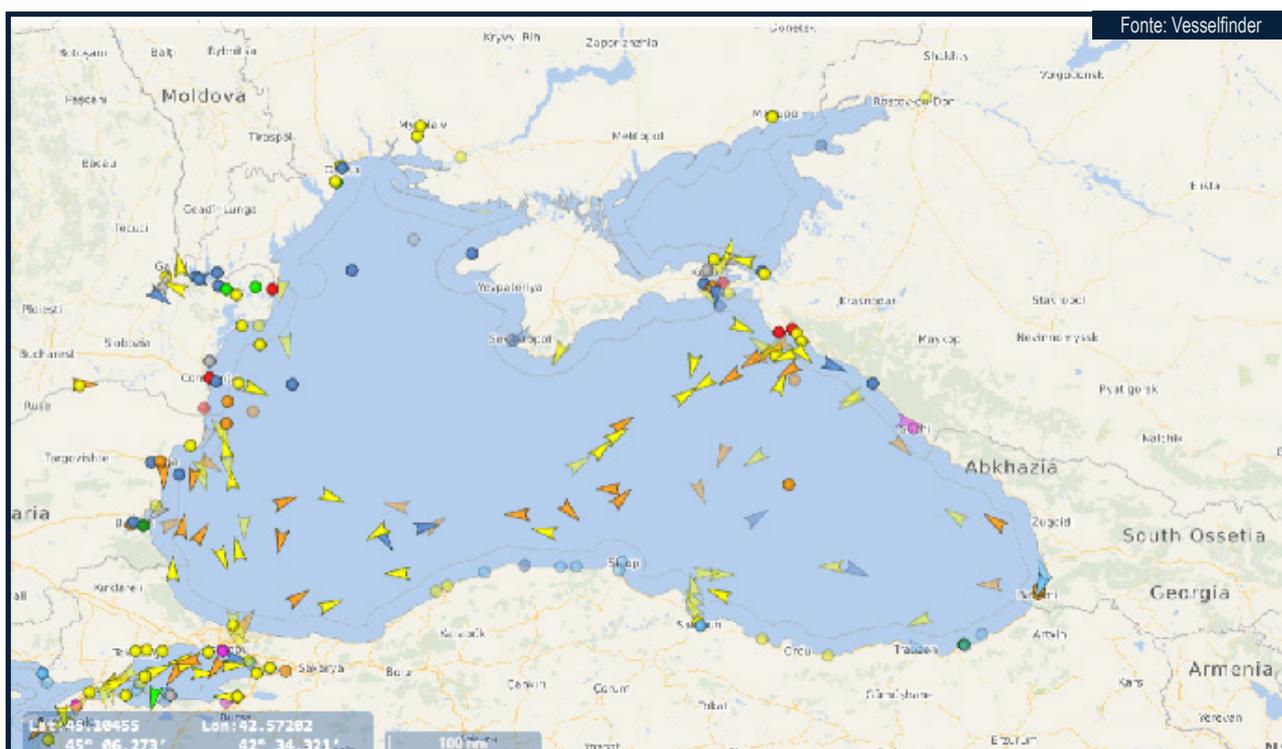
Nos navios presentes em águas ucranianas (cerca de 140), há mais de mil marinheiros. As embarcações e tripulantes não abandonam o local pelo risco de serem atingidos por projéteis ou mesmo de encostarem em minas marítimas. Outro agravante é a falta de práticos que conduzam os navios atualmente. Pelo menos cinco dos navios sofreram algum tipo de avaria decorrente do conflito e houve a morte de um marinheiro de Bangladesh no dia 03 de março.

O comunicado final da reunião da IMO estipulou medidas para amenizar o impacto nas tripulações e seus familiares. Procuraram promover a evacuação segura dos navios com a criação de corredores humanitários e marítimos, ainda sem sucesso. Há também preocupação para que esses marinheiros consigam acesso a seus salários e a uma recepção pragmática de documentos expirados por parte das alfândegas. Em outros países,

marinheiros russos e ucranianos estão tendo suas entradas negadas pelo receio de que eles estendam suas estadias além do tempo estipulado em seus vistos. Ainda que com documentos válidos, muitos estão sendo obrigados a permanecer nas embarcações.

Vale destacar ainda que mais de 10,5% da tripulação mercante do mundo é russa (198.123 profissionais), enquanto 4% (76.442) é ucraniana. Considerando os portos russos e ucranianos fechados, a navegação limitada pelos mares Negro e de Azov, impedimentos ao voo de empresas aéreas russas (impossibilitando o traslado até os portos) e os boicotes de empresas internacionais à Rússia, o desfalque no setor mercante pode atingir patamares críticos pela impossibilidade de embarque e desembarque de pessoal.

Com boicotes, operadoras, que representam mais de 62% do transporte de carga marítima internacional, suspenderam as atividades na Rússia. Ademais, à alta dos preços de combustíveis e das commodities, soma-se a elevação dos fretes marítimos: para navios-tanque, ela chega a 591%. Impactos diretos sentidos pela falta de exportações russo-ucranianas são mais evidentes nos setores agrícola, metalúrgico e energético, mas desdobramentos em outros segmentos serão observados com o comprometimento do setor mercante internacional.



- ▶ [Addressing the Iranian missile threat: approaches to risk reduction and arms control](#)
IISS, Hanna Notte, John Krzyzaniak, Timothy Wright e William Alberque
- ▶ [Does the Russian invasion of Ukraine signal the end of the American empire?](#)
THE NEWS STATESMAN, Bruno Mações
- ▶ [OSINT in an Age of Disinformation Warfare](#)
RUSI, Matt Freear
- ▶ [The Global Food System Was Already Unsustainable Before the War in Ukraine](#)
WORLD POLITICS REVIEW, William G. Moseley
- ▶ [Will Russia be happy as China's junior partner?](#)
ENGELSBURG IDEAS, Kerry Brown

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Luísa Azevedo e Raphaella Costa

MARÇO

24  GEÓRGIA FIM DO EXERCÍCIO NATO-GEORGIA EXERCISE 2022 DA OTAN	24  ALEMANHA REUNIÃO DO BANCO CENTRAL EUROPEU	24  BÉLGICA REUNIÃO DA OTAN SOBRE CONFLITO NA UCRÂNIA
24  BÉLGICA ENCONTRO ENTRE OS PRESIDENTES DOS ESTADOS UNIDOS E POLÓNIA	24 - 25  CINGAPURA 16ª CONFERÊNCIA DE GNL PARA OS MERCADOS ASIÁTICOS	30  CHINA ENCONTRO DE ESTADOS SOBRE SITUAÇÃO NO AFGANISTÃO

ABRIL

Principais eventos de 03 a 07 de abril

03  COSTA RICA SEGUNDO TURNO DAS ELEIÇÕES	04 - 07  NORUEGA NOR-SHIPPING 2022	06 - 07  NORUEGA CONFERÊNCIA HIGH NORTH DIALOGUE 2022
--	---	---

REFERÊNCIAS

- **As negociações EUA-Venezuela: requisitos e anseios**
JAMAL, U. [Chevron is ready to trade Venezuelan oil in place of Russian oil if US eases sanctions on South American nation, a report says](#). *Business Insider*, Nova Iorque, 15 mar. 2022. Acesso em: 17 mar. 2022.
SMILDE, D. [U.S.-Venezuelan Oil Deal Should Not Forget Democracy](#). *Foreign Policy*, Washington, 08 mar. 2022. Acesso em: 17 mar. 2022.
- **Narcossubarinos e a segurança interna da Colômbia**
[Colombian Navy Catches Narco Submarine Carrying 4 Tons of Cocaine](#). *Naval News*, Paris, 08 fev. 2022. Acesso em: 05 mar. 2022.
[ELN anuncia cessar-fogo de seis dias na Colômbia por legislativas](#). *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 04 mar. 2022. Acesso em: 05 mar. 2022.
- **A distância entre a elaboração e a implementação das políticas de modernização canadenses**
CANADA. *Department of National Defence*. [Strong, Secure and Engaged](#). 2017. Acesso em: 15 mar. 2022.
CANADA. *Parliamentary Budget Officer*. [Planned Capital Spending Under Strong, Secure, Engaged – Canada’s Defence Policy: 2022 Update](#). 2022. Acesso em: 16 mar. 2022.
- **Sai França, entra Rússia: o grupo Wagner chega ao Mali**
[Russia Returns To Africa – Analysis](#). *Raos Rosatom*, Moscou, 19 jun. 2019. Acesso em: 19 mar. 2022.
FASANOTTI, F. [Russia’s Wagner Group in Africa: Influence, commercial concessions, rights violations, and counterinsurgency failure](#). *Brookings*, Washington, 8 fev 2022. Acesso em: 19 mar. 2022.
- **O setor naval e a aproximação entre Londres e Bruxelas em uma Europa insegura**
REINO UNIDO. *Office of the Secretary of State for Scotland*. [New UK shipbuilding vision launched](#). 2022. Acesso em 19 mar. 2022.
[A big future for UK shipbuilding](#). *Navy Lookout*, [s.l.], 18 out. 2021. Acesso em 19 mar. 2022.
- **O desafio europeu à crise energética e distribuição de gás**
HOLLEIS, J.; SCHWIKOWSKI, M. [Europa de olho em África para importar gás natural](#). *DW*, Bonn, 10 mar. 2022. Acesso em: 19 mar. 2022.
ZOLOTOVA, E. [Russia’s Friends of Convenience](#). *Geopolitical Futures (GPF)*, [s.l.], 14 mar. 2022. Acesso em: 19 mar. 2022.
- **Força Tarefa 151 e EUNAVFOR Atalanta: missões distintas unidas na luta contra a pirataria.**
MATTOS, L.; ROSSI, M. [Brazil Takes Over the Command of Anti-Piracy CTF-151 in the Gulf of Aden](#). *Euro-Gulf Information Center Rome*, Roma, 22 jul. 2021. Acesso em: 15 mar. 2022.
[EUNAVFOR Atalanta statement on the UNSC resolution on fighting piracy off the coast of Somalia non-extension announcement](#). *EUNAVFOR*, Rota, 09 mar. 2022. Acesso em: 15 mar. 2022.
- **Defesa e segurança de cabos submarinos frente às ações russas**
FERRON, D. [Armagedon cibernético? Isto é Dinheiro](#), São Paulo, 10 mar. 2022. Acesso em: 17 mar. 2022.
[Why the undersea cables that connect the world are a subject of concern](#). *The Week*, Nova Iorque, 18 fev. 2022. Acesso em: 17 mar. 2022.
- **Novo submarino japonês: vantagem estratégica e restauração do status quo no Pacífico**
[Japan Takes In First Advanced ‘Great Whale’ Submarine](#). *Asia Nikkei*, Kobe, 14 mar. 2022, Acesso em: 15 mar. 2022.
[Mitsubishi’s 150th-year Challenge: Embrace Digital Revolution](#). *Asia Nikkei*, Kobe, 14 out. 2022. Acesso em: 15 mar. 2022
- **A dinâmica geoestratégica da Iniciativa do Cinturão e Rota no Oceano Índico**
[String of Pearls: The Strategic Dimension](#). *The World Diplomacy*, [s.l.], 08 abr. 2021. Acesso em 15 mar. 2022.
[China looks to military law to protect its overseas presence](#). *South China Morning Post*, Pequim, 12 mar. 2022. Acesso em 15 mar. 2022.
- **Bangladesh frente ao conflito entre Rússia e Ucrânia**
SUMON, S. [Bangladesh to try ‘alternative measures’ for Russia trade amid sanctions](#). *ArabNews*, Dhaka, 04 mar. 2022. Acesso em 15 mar. 2022.
SHOVON, H. [Decoding Bangladesh’s Response to the Ukraine Crisis](#). *The Diplomat*, Washington, 15 mar. 2022. Acesso em 15 mar. 2022.
- **Exercício Noble Defender: o reforço da soberania canadense no Ártico**
CARROLL, L. [NORAD alerts public of routine training operation in Arctic as Russia continues invasion of Ukraine](#). *CBC News*, Toronto, 14 mar. 2022. Acesso em 15 mar. 2022.
STEFANOVICH, O. [Canada looks to reinforce Arctic sovereignty through diplomacy, military, says minister](#). *CBC News*, Toronto, 14 mar. 2022. Acesso em 15 mar. 2022.
- **Desdobramentos marítimos do conflito na Ucrânia**
[Russian and Ukrainian seafarers make up 14.5% of global shipping workforce according to ICS](#). *International Chamber of Shipping*, Londres, 24 fev. 2022. Acesso em 15 mar. 2022.
[Maritime Security and Safety in the Black Sea and Sea of Azov](#). *International Maritime Organization*, Londres, 14 de março de 2022. Acesso em 15 mar. 2022.

Os mapas iniciais (pág 04 e 05) do Boletim foram produzidos pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em

cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e óbitos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 15 países com maior número de infectados de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho, laranja e amarelo de acordo com o número de casos totais. As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Isadora Novaes e Vitória França

► ALTO RISCO:

- AFEGANISTÃO - Crise estrutural: [UN votes to secure formal presence in Taliban-ruled Afghanistan](#). **Al Jazeera**, 17 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.
- BELARUS - Tensão regional e crise migratória: [Ucrânia vê alto risco de ataque ser lançado de Belarus, diz gabinete de Zelensky](#). **CNN Brasil**, 20 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.
- BURKINA FASO - Golpe de Estado: [West African bloc says it won't abandon Burkina Faso after coup](#). **Al Jazeera**, 18 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.
- ETIÓPIA - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Why Is Ethiopia at War With Itself?](#). **The New York Times**, 16 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.
- HAITI - Crise estrutural: [Seven U.S. members of Congress call on Biden to withdraw support for Haiti's Henry](#). **Reuters**, 17 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.
- IÊMEN - Guerra civil e crise humanitária: [Yemen Houthis attack Saudi energy facilities, refinery output hit](#). **Reuters**, 20 mar. 22. Acesso em: 21 mar. 2022.
- LESTE EUROPEU - Tensões com a Rússia e crise migratória: [1.8 Million Refugees Reported Seeking Asylum In Eastern Europe](#). **The Organization for World Peace**, 19 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.
- LÍBANO: Crise estrutural: [Lebanon fears food crisis as Ukraine war continues](#). **DW**, 20 mar. 22. Acesso em: 21 mar. 2022.
- MIANMAR - Golpe militar: [ASEAN envoy for Myanmar crisis arrives on first mission](#). **AP News**, 21 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito Militar: [Russia's invasion of Ukraine: List of key events from day 26](#). **Al Jazeera**, 21 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.
- SUDÃO - Golpe de Estado: [Sudan junta seeks support amid calls for elections](#). **The East African**, 19 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.
- VENEZUELA - Crise estrutural: [Did the US compromise its principles with oil overtures to Venezuela and Iran?](#). **Arab News**, 20 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.

► MÉDIO RISCO:

• ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Conflito em Nagorno-Karabakh (NOVO EM MÉDIO RISCO): [Armenia Calls On UN To 'Restore Neutrality' In Nagorno-Karabakh Conflict](#). **Radio Free Europe**, 19 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.

• GUINÉ - Golpe de Estado: [Guinean junta leaders' silence signals long wait for power transfer](#). **The East African**, 20 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.

• LÍBIA - Crise estrutural e tensão eleitoral: [EU delegate to Libya reviews political solution efforts with Bashagha](#). **The Libya Observer**, 19 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.

• MALI - Instabilidade política: [Malian junta orders French broadcasters RFI, France 24 off air](#). **The East African**, 18 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.

• MOÇAMBIQUE - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Marcelo Rebelo de Sousa quer terrorismo derrotado em Moçambique](#). **Euronews**, 20 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.

• SÍRIA - Insegurança regional: [Syrians seek justice for war atrocities 11 years after uprising](#). **Al Jazeera**, 15 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.

• SOMÁLIA - Crise eleitoral e humanitária: [Somalia delays election process again as deadline lapses](#). **France24**, 16 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.

► EM MONITORAMENTO:

• CHILE - Crise migratória: [Crisis migratoria: bancada RN en picada contra el Gobierno por retiro de decreto que establecía nuevos requisitos para visa temporal](#). **El Mostrador**, 19 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.

• COLÔMBIA - Conflito de fronteira: [Arauca, el departamento colombiano que enfrenta 'en soledad' el recrudecimiento del conflicto armado](#). **AA**, 01 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.

• GOLFO DA GUINÉ - Insegurança marítima conjuntural: [IMB links drop in piracy at Gulf of Guinea to foreign efforts](#). **The Guardian Nigeria**, 17 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.

• GUINÉ BISSAU - Tentativa de Golpe de Estado: [President of Guinea-Bissau says he stands firm in his post](#). **Africanews**, 17 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.

• IRÃ - Negociações do acordo Nuclear: [Iran Nuclear Deal's Final Hurdle Is Lifting Terrorism Sanctions on Revolutionary Guards](#). **The Wall Street Journal**, 21 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.

• MAR DO SUL DA CHINA - Exercícios navais e presença de potências extrarregionais: [China has fully militarized three islands in South China Sea, US admiral says](#). **The Guardian**, 21 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.

• MÉXICO - Crise migratória: [Migración de México cesa servicios en Tapachula por violencia](#). **DW**, 19 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.

• NICARÁGUA - Crise política: [Ortega ordena cancelar otras 25 ONG, algunas ambientalistas y de periodistas](#). **SwissInfo**, 17 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.

• TAIWAN - Embate China-EUA: [China's frequent military exercises pose great security risk to Taiwan](#). **Taiwan News**, 21 mar. 2022. Acesso em: 21 mar. 2022.